

## ***A polêmica profética em Isaías 28,7-13***

***Fernando Cândido da Silva\****

### **Resumo**

O artigo faz uma exegese do texto de Isaías 28,7-13 objetivando a avaliação do debate profético que se encontra na perícopé. Parece que a polêmica surge devido às divergências teológico-políticas em torno do destino da cidade de Jerusalém.

**Palavras-chave:** profetas; Isaías; conflitos; Jerusalém.

### **Abstract**

The article is an exegesis of the text of Isaiah 28,7-13 and wants to evaluate the prophetic debate in the pericope. It seems that the controversy arises because of the theological-political differences about the destiny of the city of Jerusalem.

**Keywords:** prophets; Isaiah; conflicts; Jerusalem.

Brigas e discussões. Polêmica. Acusações por toda parte! Esse é o contexto de nossa perícopé. Enveredar em sua interpretação nos leva aos divergentes pensamentos teológico-políticos da Jerusalém do século VIII a.C. Como conduzir o povo? Que diziam profetas e sacerdotes de Jerusalém? Que dizia Isaías? A exegese do texto nos ajudará a entrever este debate.

---

\* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista e doutorando em Ciências da Religião na área de Literatura e Religião no Mundo Bíblico na Universidade Metodista de São Paulo, sob orientação do Prof.Dr Milton Schwantes. Este artigo é, em parte, fruto da pesquisa do mestrado sobre profetismo no Antigo Israel. Atualmente, o autor dedica-se na avaliação das múltiplas relações de poder inseridas na história da dinastia Omri presente na Obra Histórica Deuteronomista.

Email do autor: zecfer@yahoo.com.br

Passemos à tarefa, começando com a tradução:

- <sup>7</sup> E também estes perderam o sentido com vinho  
e desviaram-se com licor.  
Sacerdote e profeta cambalearam com licor,  
foram devorados pelo vinho,  
extraviaram-se pelo licor;  
perderam a visão,  
vacilaram na sentença.
- <sup>8</sup> Pois todas (as suas) mesas estão cheias de vômito e excremento.  
Não resta lugar (limpo)!
- <sup>9</sup> ‘A quem instruirá o conhecimento?  
E a quem ensinará a lição?  
Aos desmamados do leite,  
aos desmamados do peito,
- <sup>10</sup> que (dizem): *tsav latsav tsav latsav*  
*qav laqav qav laqav*  
*ze'er sham, ze'er sham*.
- <sup>11</sup> Pois, com língua balbuciante  
e com idioma estrangeiro  
ele falará para este povo.
- <sup>12</sup> Ele disse para eles:  
“Este é o descanso –  
dá repouso para o cansado  
e este é o repouso!”  
Mas não quiseram escutar.
- <sup>13</sup> E (por isso) a palavra de lahweh será para eles:  
*tsav latsav tsav latsav*  
*qav laqav qav laqav*  
*ze'êr sham, ze'êr sham*,  
Para que caminhem e caiam de costas,  
e se destrocem, e caiam na armadilha, e acabem presos.

### **Aspectos formais**

Nossa perícopes começa algo novo, no entanto, não está desvinculada do capítulo e da seção à qual pertence na obra isaiana. Os capítulos 28-33 parecem formar um bloco textual estruturado por exclamações de “ais”. Alguns de seus capítulos são iniciados por esse lamento fúnebre (28,1; 29,1.15; 30,1; 31,1; 33,1).

Além disso, como demonstra Hans-Winfried Jüngling, a palavra “ai” não constitui o único sinal de estruturação:

Como nos capítulos 1-12, também em 28-35 a alternância entre textos de desgraça e de condenação válidos para Jerusalém/Judá é constitutiva para a estrutura. Num ritmo que muda diversas vezes, textos que anunciam um futuro desolador substituem aqueles cuja perspectiva para o futuro é positiva (Jüngling, 2003, p.387).

Portanto, se em 28,7-13 temos algo específico, é preciso reconhecer também que estes versículos servem aos propósitos da seção: lahweh trouxe os assírios contra Jerusalém para expulsar da cidade sua liderança corrupta e substituí-los por uma figura real que inaugurará um reinado de justiça e paz (Sweeney, 1996, p.354). Aqui, oráculos críticos de Isaías do século VIII são relidos na ótica exílica/pós-exílica, sendo o texto claramente de caráter compósito.

Mais especificamente, o capítulo 28 fala sobre o julgamento de lahweh, primeiro no Reino do Norte (v.1-4) e, então, sobre Judá e sua liderança. Sendo assim, o capítulo pode ser dividido em quatro unidades (v.1-4 (5-6); v.7-13; v.14-22 e v.23-29) que estão estruturadas pela alternância de temas de julgamento e promessa da seguinte forma:

Catástrofe para Efraim (“ai”): v.1-4

Restauração: v.5-6

Catástrofe para Jerusalém: v.7-13+v.14-22

Preservação: v.23-29

Além desta conexão redacional de julgamento-salvação, os versículos do capítulo 28 estão ligados temática e formalmente. O tema é o da incompetência dos líderes de Efraim e Judá que resultará no julgamento por meio da Assíria. Curiosa é a ligação entre os líderes do Reino do Norte nos v.1-4 e os profetas e sacerdotes dos v.7-13: todos eles estão desqualificados para os cargos que

ocupam por serem “bêbados” (*xikorê ’efrayim*, v.1: “bêbados de Efraim”; *bayyayin xagû ûbaxxekar ta’û*, v.7: “perderam o sentido com vinho e desviaram-se com licor”).

Já as características formais que amarram as unidades são: a fórmula *bayyôm hahû’*, “naquele dia”, no v.5; *vegam-’elleh*, “e também estes”, no v.7; *laken*, “portanto”, no v.14. Os v.23-29, por mais independentes que pareçam, servem de clímax para todo o capítulo, ao apontar para o propósito das ações de lahweh, tal como esboçado nos v.1-22.

Com essas indicações, nota-se que a perícopes utilizada neste estudo para compreender um conflito profético no século VIII a.C. possui uma importância literária dentro do conjunto da obra isaiana: a crítica aos líderes político-religiosos, especialmente, de Judá, que não conduzem o povo como deveriam. Internamente, podemos dividi-la em denúncia (v.7-8) e ameaça (v.11-13). No meio está a fala dos *nebí’im* (v.9-10). A ironia dos profetas no centro da poesia tem seu resultado nas pontas! Isaías acusa e ameaça também ironizando. Vejamos, então, como o debate se desenvolve.

### ***tsav latsav – uma palavra profética (lugar & conteúdos)***

Diferentemente do contemporâneo profeta Miquéias, Isaías não fala a partir da roça. Suas pregações são orientadas pelo *habitus* davídico-jerosolimitano.<sup>1</sup> Todavia, é imprescindível observar que o profeta cidadão, no decorrer de sua carreira profética, tem esse *habitus* reestruturado. O que isso quer dizer? Que sua pregação difere tanto de Miquéias quanto dos grupos articulados à realeza: sua leitura da sociedade é crítica desde o ponto de vista

---

<sup>1</sup> Com o conceito de *habitus* desejo enfatizar que as categorias de percepção do mundo social são o produto da incorporação das estruturas objetivas do espaço em que os indivíduos vivem. Sendo assim, com *habitus* davídico-jerosolimitano quero dizer que Isaías lê sua realidade social desde as tradições da escolha de Davi e de Sião. Para o conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu, indico seu ensaio “O conhecimento pelo corpo”, em *Meditações Pascalinas*, p.157-198.

de Jerusalém (Schwantes, 2003, p.208). É esse o fio que conduzirá a análise da perícopes de 28,7-13.

O v.7 inicia-se com a expressão *vegam-'elleh*, o que causa certa confusão no que se refere aos atores do conflito profético. “E também estes” é uma forma literária utilizada para ligar os v.7-13 aos anteriores. Uma coisa apenas é certa: os acusados dos v.1-6 não são os mesmos dos v.7-13.

No primeiro bloco são os “bêbados de Efraim”, ou seja, os líderes do Reino do Norte de Israel os envolvidos. Importante destacar a ligação de conteúdo entre as cenas, a saber, *vegam-'elleh* são tão bêbados quanto à liderança do Norte. Isaías denuncia a prática da bebedeira entre “estes” de maneira bastante lúcida: *bayyayin xagû ûbasxxekar ta'û*. Afinal, quem são estes que, a semelhança dos líderes israelitas, não cumprem devidamente seu papel devido à bebida alcoólica? É no v.7 que Isaías explicita os acusados da perícopes: *kôhen venabî*, “sacerdote e profeta”.

Marvin Sweeney acredita que ‘o contexto sugere que esses sacerdotes e profetas são do Reino do Norte de Israel, mas que com o subsequente material dos v.14-22 torna-se claro que a liderança judaíta está também incluída’ (1996, p.365). Já Walter Brueggemann não tem dúvida: “*também estes* no v.7 refere-se aos sacerdotes e profetas em Jerusalém, como distintos dos líderes do Norte; em todo caso, a referência é claramente para outros que não são aqueles condenados nos v.1-4” (1998, p.222). Pelo que parece, Isaías acusa colegas jerosolimitanos. Como o faz?

Os substantivos utilizados no v.7 já foram explicitados. *yayin* e *xekar*, “vinho” e “licor” é o que causa a ruína para sacerdotes e profetas. Todavia, Isaías utiliza alguns verbos que reforçam sua denúncia: *xgh* (3 vezes) e *t'h* (2 vezes), bem como *bl' nifal* (1vez). São estes verbos que caracterizam os efeitos da bebida. Extraviaram-se e perderam-se, foram devorados pelo vinho e pelo licor. Note que os sacerdotes e profetas não possuem mais raciocínio e, ao serem “extraviados”, estão suscetíveis a cometer erro após erro. Em comparação com o livro de Jeremias, podemos perceber como a questão é

entendida de modo diverso. Em Jeremias, a crítica aos profetas passa pelo nível da mentira e não da bebedeira. Aliás, curioso é o texto de Jr 23,9: quem surge como bêbado é Jeremias e não seus adversários!

Retomando o problema em Isaías, o erro de sacerdotes e profetas no v.7 aparece como *xagû baro'eh paqû pelîliyyah*. Isaías acredita que ao estarem corroídos pela “cachaça”, os profetas não possuem mais visões e os sacerdotes não dão mais sentenças. A impressão que se tem é que tudo ocorre simultaneamente. Devido à bebedeira, os líderes religiosos já não cumprem mais suas obrigações. A inspiração dos profetas cessou e os sacerdotes não conseguem mais ensinar a lei ao povo. A estrutura quiástica é evidente: sacerdote-profeta; visão-sentença.

É possível que este estado de bebedeira esteja associado à instituição da *marzeah*, conhecida na antiga Canaã e Israel.<sup>2</sup> Trata-se da conclusão de uma aliança. Acredito que se for assim, o texto data provavelmente do período entre 705 e 701 a.C. em que Ezequias aproveita-se da fragilidade do império assírio – com a ascensão de Senaquerib – para formar uma coalizão antiassíria. O v.8 explora melhor a questão. Introduzido por *kî*, o verso demonstra o resultado horrendo da comemoração dos profetas e sacerdotes. Além de não cumprirem suas funções, encontram-se num ambiente imundo. No final da *marzeah*, suas mesas estão repletas de vômito (*qî*) e bosta (*ts'h*)<sup>3</sup>! Sacerdotes e profetas não controlam mais suas capacidades físicas e emocionais.

Para o propósito deste artigo é preciso ressaltar também a perspectiva dos oponentes de Isaías. Afinal, estamos tratando de um debate e não um monólogo! Os adversários são profetas que, ligados aos sacerdotes, estão bêbados por comemorarem o contrato de aliança antiassíria. Sendo assim, se a interpretação estiver acertada, os *nebi'im* são obviamente pessoas que

<sup>2</sup> Proposta de Sweeney, *Isaiah 1-39*, p.369. Todavia, o autor entende a comemoração do pacto entre o Reino do Norte e o Egito.

<sup>3</sup> Luis Alonso-Schökel, *Dicionário bíblico hebraico-português*, p.553, propõe essa tradução para a expressão vocalizada como *tse'ah* (Dt 23,14; Ez 4,12). Mantenho esse sentido para *tso'ah*, ao invés de traduzir simplesmente por “lixo” ou “imundice”, com o intento de reforçar o estado lastimável dos profetas e sacerdotes.

pronunciam seus oráculos a partir do *habitus* davídico-jerosolimitano. Defendem a realeza davídica e a liberdade de Jerusalém das garras assírias e, por isso, dão suporte ideológico a Ezequias em suas alianças políticas com povos vizinhos.

Mas não está Isaías também orientado por esse *habitus*? Pelo que demonstra sua pregação, a resposta deve ser afirmativa. Entretanto, ao longo de sua vida, o profeta modificou pontos importantes de sua visão de mundo. De fato, indivíduos não estão imobilizados em estruturas. A aliança política de Ezequias é um desses pontos de discordância. Isaías não parece acreditar que esta seja a solução para pôr fim à dominação assíria e, assim, é criticado nos próximos versos.

“A quem instruirá o conhecimento? E a quem ensinará a lição?” são questões endereçadas a Isaías. Interessante que no v.7, o profeta diz que seus adversários não cumprem seu papel. Pois bem, agora são os profetas (e sacerdotes) que ironizam as pregações de Isaías. ‘Para quem servirão às críticas isaianas?’ Os *nebi'im* respondem: para crianças desmamadas que ainda nem sabem ler. O v.10 parece fazer referência a isso. O efeito de *tsav latsav tsav latsav qav laqav qav laqav ze'er xam ze'er xam* está mais relacionado ao som do que ao conteúdo. É como se as palavras críticas de Isaías fossem, na verdade, o *b-a-ba* que deve ser ensinado às crianças. Mais um sarcasmo por detrás do jogo com sons: enquanto Isaías repete coisas básicas da fé javista, profetas e sacerdotes ultrapassam essas informações elementares (Brueggemann, 1998, p.225).

Na polêmica da perícope, Isaías denuncia os *nebi'im* (juntamente com sacerdotes – cf. Mq 3,11) e é repreendido ironicamente. Os líderes religiosos parecem estar bêbados, daí acusarem o profeta como que contando uma piada! Chega, por fim, o momento da ameaça que se desenvolve no decorrer dos v.11-13.

O v.11 é iniciado por *kî*, o que sugere a explicação da sentença profética. Profetas e sacerdotes são julgados por zombarem das palavras de Isaías, isto

é, por acreditarem que suas profecias são ininteligíveis. Então, assim o seja. É com “língua balbuciante e com idioma estrangeiro que ele falará a este povo.” Como se sabe, a Assíria é o império dominante no período e, portanto, muito provavelmente o idioma estrangeiro conota uma invasão assíria. Isaías trabalha com essa possibilidade em outros textos, como 5,26; 8,6; 10,5s.27. Sendo assim, de nada adianta a coalizão formada por Ezequias na tentativa de barrar os assírios. E muito menos a festança promovida pelos *nebî'im* (e *kohanîm*), em um suporte ideológico ao rei. Curiosa aqui é a expressão *ha'am hazzeh*. O caráter depreciativo é evidente: “este povo” não escapará da dominação assíria; “este povo” trata-se não apenas dos envolvidos na polêmica profética, mas dos líderes políticos do século VIII a.C. (cf. Mq 2,11).

No v.9, os adversários de Isaías ironizavam sua pregação perguntando a quem ele deveria instruir. A resposta fica implícita: ‘Não a gente’. Os profetas e sacerdotes não querem ser o público de Isaías. Mas, afinal, o que o profeta está pregando? Até o momento vimos sua crítica à política externa judaíta, especialmente aos que dão suporte a ela. Isaías reprova a bebedeira dos profetas e sacerdotes, um ato de comemoração pela aliança antiassíria – esta festa só traz a ruína para os líderes religiosos que não conseguem cumprir suas funções. Esse é o primeiro aspecto rechaçado pelos adversários nos v.9-10. Entretanto, o v.12 parece clarear outra perspectiva isaiana que não agrada aos seus colegas jerosolimitanos.

“Este é o descanso – dá repouso para o cansado (*'ayep*) e este é o repouso!” são palavras de *lahweh*... muito provavelmente um oráculo que Isaías profetizou que, no entanto, não foi muito bem recebido como demonstra o v.12, *velô' 'abû' xemôa'*. A expressão “mas não” é exatamente a rejeição dos oponentes de Isaías exposta nos v.9-10. Como em Mq 2,10, Isaías trata de um tema fundamental, a saber, o do lugar de descanso. Utiliza a mesma expressão *hammenûhah* (+ verbo no hifil), em paralelo com *hammarge'ah*. No livro de Miquéias, a preocupação com o lugar de descanso nasce do interesse pela justiça social. Acredito que em Isaías, o tema deve possuir mais ou menos a



mesma característica. Sobre isso, Sicre comenta: “o cansado deve ser o povo, que sofre as mudanças de política das autoridades. Ou se refere a pessoas oprimidas por situação social injusta” (1990, 317).

Os poderosos jerosolimitanos recusaram-se a escutar (*xm'*) as palavras de lahweh. Aqui, é possível pensar no fato de que não pode haver escuta sem uma reação em pensamentos, palavras ou obras ao conteúdo do que foi escutado. Quando Isaías diz que “não quiseram escutar”, diz que não agiram como deveriam, isto é, não abrigaram os pobres da cidade (cf. Is 1,10-20!). Diferentemente de Miquéias, o lugar de descanso em Isaías só pode ser Jerusalém (14,32). Ao invés de defenderem o que realmente importa, profetas e sacerdotes se preocupam em legitimar as opções políticas da realeza. Quando deveriam abrir as portas de Jerusalém para os ‘cansados’, esbanjam em festas.

Este verso parece apontar para o suporte social de Isaías. Porque pregaria para os pobres? Somado a evidencia de 8,11-20, fica evidente que o profeta agrega ao seu redor um grupo de oposição em luta com os círculos oficiais da capital. Seu *habitus* é definitivamente reestruturado! Em 8,11, Isaías é advertido a não andar ‘no caminho deste povo’ o que o coloca contra as opiniões correntes da época. O profeta prega, de fato, para os excluídos de Jerusalém (1,17: *yatôm*, *'almanah*; 3,14-15: *'anî*, *'ammî*, *'anîyîm*; 5,23: *tsaddîqîm*; 10,1-4: *dallîm*, *'anîyê* *'ammî*, *'almanôt*, *yetômim*; 28,12: *'ayep*; 29,19-21: *'anaviyim*, *'ebyônê* *'adam*, *tsaddîq*)<sup>4</sup> e contra a estrutura político-social apoiada pelos *nebîîm*.

“Perderam a visão, vacilaram na sentença” reza nosso v.7. Acredito que Isaías esteja apontando exatamente para este aspecto social das funções profético-sacerdotais. Bêbados esbanjadores, profetas e sacerdotes não cumprem com o dever mais elementar do javismo – a defesa dos mais fracos da sociedade: “*Que direito tendes de esmagar o meu povo e moer a face dos*

---

<sup>4</sup> Os que aparecem na pregação de Isaías são: órfão, viúva, pobre, fraco, indigente, cansado. Estes sujeitos sociais são reconhecidos também como justos, meu povo e pobres de seu povo, ou seja, pobres de Iahweh. Mais informações em Milton Schwantes, *Das Recht der Armen*, p.99-112.

*pobres?*” (Is 3,15). Fica claro, portanto, que a estratégia política e a injustiça, para Isaías, andam de mãos dadas.

Por não cuidarem dos pobres cidadãos e apoiarem as políticas insensatas do rei – quem sofre com essas mudanças é, por fim, o povo com a cobrança dos tributos – profetas (e sacerdotes) recebem a palavra de lahweh: *tsav latsav tsav latsav qav laqav qav laqav ze'er xam ze'er xam*. Isaías ironiza a acusação de seus adversários, ao utilizar suas próprias palavras. Pelo que parece, o profeta pode ter em mente a “língua balbuciante e o idioma estrangeiro” do v.11. A palavra de Deus é condenatória. Os assírios estão falando... de nada servirá as alianças com os povos vizinhos.

Dentro da seção da obra isaiana em que nossa perícopé está situada, o texto de 30,15 pode esclarecer melhor a visão de Isaías sobre a revolta antiassíria:

“Com efeito, assim diz o Senhor lahweh, o Santo de Israel:  
na conversão e na calma estaria a vossa salvação,  
na tranquilidade e na confiança estaria a vossa força,  
mas vós não o quisestes!”

Assim, Isaías polemiza com os *nebî'im* festeiros porque

funda sua posição não em considerações de estratégia ou de *Realpolitik*, mas em considerações de ordem teológica. Para Isaías, Judá deve entregar-se inteiramente a lahweh, o único que pode conceder-lhe o bem-estar. Esta entrega absoluta a lahweh exclui totalmente a confiança em qualquer outra realidade (Gonçalves, 1990, p.17).

A tomada de posição de Ezequias e sua corte trará a desgraça para Jerusalém e toda Judá.

Além dessa interpretação, pode ser que Isaías, em sua ironia do v.13 (*tsav latsav...*), pense mesmo em crianças profetizando. Sua preferência por

esta temática é bem conhecida (3,4; 7,14; 8,18; 9,5). É na fragilidade das crianças que se encontra a verdade de lahweh.<sup>5</sup> O oráculo de julgamento para os *nebí'im* é exatamente o *b-a-ba* que desprezaram.

Por fim, utilizando três verbos no nifal (*xbr*, *yqx*, *lkd*), Isaías encerra sua acusação deixando explícito o final catastrófico das atitudes insensatas, não só de *kôhen venabî'*, mas também de *ha'am hazzeh*. Importante notar que o uso dos verbos no nifal – com sua nuance basicamente reflexiva – demonstra que os culpados são os próprios líderes jerosolimitanos. Os três verbos denotam um ataque militar: a liderança jerosolimitana será destruída, caindo na armadilha assíria, ao tornarem-se prisioneiros.

Infelizmente os profetas e sacerdotes terão que parar de festejar. Alguns anos mais tarde, Senaquerib, de fato, invade Judá. Em suas próprias palavras: “encerrei Ezequias no interior de Jerusalém, sua residência real, como a um pássaro na gaiola. Levantei fortificações contra ele e castigava os que tentavam sair pelo portão da cidade” (Pritchard, 1969, p.288). Os eventos históricos fizeram com que as profecias de Isaías vencessem a polêmica profética.

## **Conclusão**

Em síntese, Isaías é de Jerusalém. Sua polêmica com os *nebí'im* baseia-se no destino da cidade e seus habitantes, sobretudo, os menos favorecidos. Enquanto profetas e sacerdotes comemoravam na *marzeah* a aliança antiassíria promovida por Ezequias, ignoravam as admoestações de Isaías por confiança em lahweh e respeito aos pobres da cidade.

Nosso profeta crê na escolha de Sião, todavia não deixa de anunciar um castigo para a cidade, devido à postura equivocada de sua liderança política e, no caso de nossa perícopes, especialmente, de seus líderes religiosos. Efetivamente, o debate não se baseia na questão de “falso profetismo”. O

---

<sup>5</sup> Sobre crianças enquanto agentes proféticos no livro de Isaías, cf. o belo artigo de Milton Schwantes, “O messias criança – observações sobre Isaías 6,9 e 11”, p.8-19.

*leitmotiv* do conflito profético em Isaías está na divergência de projetos sócio-políticos para a cidade de Jerusalém.

### **Referências bibliográficas**

ALONSO-SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo, Paulus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalinas*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

BRUEGGEMANN, Walter. *Isaiah 1-39*. Louisville, Westminster John Knox Press, 1998.

ELLIGER, Karl & Wilhelm RUDOLPH (editores). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

GONÇALVES, Francolino. Senaquerib na Palestina e a tradição bíblica. *Didaskalia*, Lisboa, v.20, n.01, 1990, p.05-32.

JÜNGLING, Hans-Winfried. "O livro de Isaías". In: Erich ZENGER (organizador). *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 2003, p.380-398.

PRITCHARD, James B. (organizador). *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*. Princeton, Princeton University Press, 1969.

SCHWANTES, Milton. Armas não armam tendas de paz – observações sobre Isaías 8,1-4. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, n.25, 2003, p.207-214.

\_\_\_\_\_. *Das Recht der Armen*. Frankfurt am Main, Peter Lang, 1977.

\_\_\_\_\_. O messias criança – observações sobre Isaías 6,9 e 11. *Palavra Partilhada*, São Leopoldo, Cebi, 1996, v.5, n.1, p.8-19.

SICRE, José Luis. *A justiça social nos profetas*. São Paulo, Paulus, 1990.

SWEENEY, Marvin. *Isaiah 1-39 with an introduction to prophetic literature*. Grand Rapids, Eerdmans, 1996.